Dia 1 — A Festa de Todos os Santos

Martirológio Romano

A festa de Todos os Santos, que o papa Bonifácio IV, depois de ter consagrado o templo chamado Panteão, ordenou que se celebrasse em Roma todos os anos, solene e universalmente, em honra da bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, e dos santos Mártires; e Gregório IV determinou depois que esta mesma festa, que já se celebrava, embora com variedade nas diferentes igrejas, fosse solene e perpétua em toda a Igreja católica, em honra de todos os Santos. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio de São Cesário ou Cesareu, diácono, em Terracina, na Campânia; o qual, depois de ter sido maltratado por muitos dias no cárcere, foi metido num saco juntamente com São Juliano, presbítero, e logo precipitado no mar. (Havia em Terracina, na Itália, o ímpio e bárbaro costume de oferecer-se voluntariamente um jovem, em certas festividades, em sacrifício a Apolo, divindade tutelar daquela cidade. Este, depois de ter sido obsequiado e adornado com ricas vestes, oferecia sacrifício a Apolo e em seguida lançava-se ao mar do alto de um rochedo, ficando submerso em suas ondas. Cesário, santo diácono que tinha ido ali desde a África, achou-se presente uma vez a esta trágica cena e, não podendo conter seu zelo, condenou publicamente uma superstição tão abominável. O sacerdote do ídolo mandou que o prendessem e o entregassem ao governador, por cuja sentença o diácono Cesário, juntamente com um presbítero chamado Juliano, ou Luciano segundo alguns, foi posto num saco e lançado ao mar no ano de 300, sob o império de Diocleciano. São Gregório Magno faz menção de uma igreja de São Cesário em Roma, a qual reedificou o papa Clemente VIII, criando cardeal diácono dela a seu sobrinho Aldobrandini. Butler.)

São Benigno, presbítero, em Dijon, na França; o qual, enviado por São Policarpo à Gália a pregar o Evangelho, no tempo do imperador Marco Aurélio, depois de ter sido cruelmente atormentado por mandado do juiz Terêncio, teve o pescoço quebrado com uma barra de ferro e o corpo trespassado com uma lança. (Entre os santos missionários romanos que pregaram a fé na Gália, no século III, São Benigno lançou os primeiros fundamentos e fundou a igreja da Borgonha, da qual é considerado o apóstolo. Recebeu a coroa do martírio perto de Dijon, provavelmente no reinado de Aureliano, pelos anos de 272. São Gregório de Tours conta vários milagres operados no túmulo de São Benigno. Suas relíquias parece que depois foram trasladadas para a Alemanha. Butler.)

Santa Maria, a Escrava, no mesmo dia; a qual, acusada de ser cristã, no tempo de Adriano foi cruelmente açoitada, estendida no potro, despedaçada com unhas de ferro, e assim alcançou a palma do martírio. (Era escrava de Tertulo, senador romano. Orava muito e jejuava com frequência, devoção que desagradou à sua supersticiosa ama; mas sua fidelidade e diligência faziam-na estimável à sua senhora. A perseguição de Diocleciano aterrorizava então todo o império. Tertulo, temeroso de perdê-la, não podendo vencer sua constância com promessas, mandou açoitá-la cruelmente e depois a fez encerrar num aposento escuro, onde permaneceu trinta dias sem outro alimento que pão e água. Mas, tendo chegado ao conhecimento do juiz esta ocorrência, chamou Maria ao seu tribunal. Ao ouvir a confissão da Santa, o populacho pediu que a queimassem viva. O juiz mandou que a atormentassem, ordem que foi executada com tal crueldade que o inconstante vulgo clamou em altas vozes que a libertassem. O juiz, para apaziguá-lo, mandou tirar a Mártir do potro e a entregou à custódia de um soldado. A virgem, mais alarmada pelo perigo de sua pureza que pelos tormentos, buscou e achou modo de escapar, e fugiu para os montes. Acabou, pois, sua carreira com uma morte ditosa, ainda que não à espada; e é intitulada mártir no Martirológio romano e em outros, porque se dava comumente, por São Cipriano e outros escritores, aquele título a todos os que haviam sofrido com constância alguns tormentos por perseverar na fé de Cristo. Butler.)

O martírio dos santos Cesário ou Cesareu, Dácio e outros cinco, em Damasco.

Os santos mártires João, bispo, e Santiago, presbítero, na Pérsia, no tempo do rei Sapor.

As santas Cirênia e Juliana, em Tarso, no tempo do imperador Maximiano. (Cirênia foi presa por mandado do prefeito da Cilícia. Não querendo renunciar à religião de Cristo, raparam-lhe a cabeça, montaram-na num asno e passearam-na por toda a cidade. Depois, desnudando-a no meio da praça, pôs-se ela em oração, e o Senhor cobriu milagrosamente sua nudez. Em seguida lançaram-na num forno aceso, em companhia de Juliana, piedosa e santa mulher da mesma cidade; e ambas conseguiram na fogueira a gloriosa palma do martírio.)

Santo Astremônio, em Clermont, primeiro bispo desta cidade.

São Marcelo, bispo, em Paris. (Nasceu nesta cidade, não de pais de alta hierarquia, mas nos quais resplandecia a honra da virtude. A pureza, a modéstia, a doçura, a caridade e a mortificação foram as principais partes que caracterizaram São Marcelo, de maneira que, sendo ainda muito jovem, mereceu ser elevado ao sacerdócio; e desde então começou o Santo a dar provas de o ter dotado o céu com o dom de milagres. Por morte de Prudêncio foi unanimemente eleito bispo de Paris, cargo que o fez mais humilde e vigilante no desempenho. Entre outros milagres seus conta-se o de ter libertado sua pátria de uma horrível serpente que habitava no sepulcro de uma adúltera. Morreu no princípio do século V, a 1º de novembro, e seu corpo foi enterrado num lugar pequeno, que agora está unido à cidade e se chama arrabalde de Saint-Marceau. Butler.)

São Vigor, bispo, em Bayeux, no tempo de Childeberto, rei da França; São Severino, monge, em Tivoli.

São Maturino, confessor, numa aldeia do Gâtinais, na França.

A Festa de Todos os Santos

A Igreja, governada sempre pelo Espírito Santo, sempre zelosa pela glória dos bem-aventurados e atenta sempre a tudo o que pode contribuir para a salvação de todos os fiéis, não contente com propor cada dia em particular algum ou alguns daqueles ditosos moradores da celestial Jerusalém como objeto digno de sua veneração, protetores e guias de nossos acertos, reúne hoje todos aqueles heróis cristãos, apresentando-os unidos como matéria de seu culto, para que, em atenção a tantos e tão poderosos intercessores, que são ao mesmo tempo advogados e modelos, derrame Deus sobre nós com maior abundância os tesouros de sua misericórdia e todas as graças que são necessárias para imitá-los. Consideramo-los nós como irmãos nossos, membros todos de um mesmo corpo místico sob uma mesma cabeça e, por conseguinte, reputamo-nos igualmente herdeiros da mesma herança que eles, enquanto por nossa culpa não perdermos o direito que legitimamente nos pertence pelo Batismo. Eles foram o que nós somos, e algum dia podemos ser nós o que eles são. Gemeram como nós neste vale de lágrimas, lugar de aflição e de desterro; estiveram igualmente que nós expostos às mesmas fraquezas, sujeitos às mesmas tentações; correram os mesmos perigos, encontraram as mesmas dificuldades, saíram-lhes ao caminho os mesmos estorvos. Pois da mesma maneira que eles e pelos mesmos meios devemos nós superar os embaraços, com igual valor resistir aos mesmos inimigos e com a mesma fidelidade corresponder à Graça. A glória de que gozam e a bem-aventurança que possuem merecem nosso culto e são objeto digno de nossa nobre ambição. Seus méritos tão gloriosamente premiados exigem nossa veneração, e o muito que podem junto de Deus é motivo justo para alentar nossa confiança. Este é em suma o fim que se propõe a Igreja no geral e solene culto que hoje tributa aos bem-aventurados, e este é todo o objeto da presente festividade.

No decurso do ano no-los faz presentes, pondo-nos à vista cada um em particular, para que, sustentando nossa fé e elevando para o céu nossa esperança com a consideração de tão gloriosos objetos, nos lembremos do que foram e do que são, advertindo o que nós devemos ser para aumentar seu número, agregando-nos a eles. Mas, reconhecendo que não bastam todos os dias do ano para tributar cultos em particular, mesmo àqueles somente de que ela tem notícia, e sendo por outra parte inumeráveis os outros, cujos nomes só estão escritos no livro da vida, os quais, não obstante não os conhecermos, nem por isso são menos dignos de nosso respeito e de nossa veneração, escolheu a Igreja um dia para honrá-los a todos, obrigando-os com este culto especial a que todos se interessem mais particularmente pela salvação daqueles que não deixam de ser irmãos seus, ainda que gemam todavia neste lugar de desterro. Este dia tão célebre e tão solene é o primeiro de novembro, em que, juntando todas as suas festas numa só, a todos empenha em interceder por nós ao Senhor.

Muito tempo antes de que se fixasse neste dia a presente festa geral, solenizava-se dentro do tempo pascal, isto é, entre a Páscoa da Ressurreição e Pentecostes, a festa dos Santos em comum, com certa espécie de comemoração universal; mas não compreendia mais que a santíssima Virgem, Rainha de todos os Santos, os Apóstolos e os Mártires, cujo glorioso triunfo se celebrava naquele tempo de alegria e regozijo. Estava destinado o primeiro dia de maio para a festa dos Apóstolos, e outro dia do mesmo mês para a dos Mártires, à frente da qual se colocava sempre a santíssima Virgem; mas ainda não se celebrava festa particular em honra de todos os Santos, à

qual deu ocasião, de certo modo, o famoso Panteão, templo de todos os deuses.

Era o edifício mais suntuoso que se admirava em Roma, reputado por maravilha da arte e pelo último esmero da arquitetura: muito capaz, muito elevado e de figura rotunda, em significação de que representava o mundo; obra erigida por Agripa alguns anos antes do nascimento de Cristo, em memória da vitória que Augusto alcançou na famosa jornada de Áccio contra Antônio e Cleópatra; dando-se-lhe o nome de Panteão para denotar que nele se tributava adoração a todos os deuses, não obstante Agripa só o haver consagrado a Júpiter vingador. Empenhados os imperadores cristãos em abolir o culto dos ídolos, lançaram por terra todos os seus templos, para sepultar entre suas ruínas as relíquias das superstições pagãs, sendo talvez o Panteão o único monumento do gentilismo que se perdoou. Haviam-se destruído os famosos templos de Júpiter Capitolino em Roma, de Júpiter Celeste em Cartago, de Apolo em Delfos, de Diana em Éfeso, de Serápis em Alexandria; e subsistia um edito do imperador Teodósio, em que se mandava que fossem arrasados todos aqueles lugares de abominação e se colocassem cruzes sobre os despojos de suas ruínas; providência necessária nos primeiros tempos da Igreja para abolir a memória do gentilismo, que havia introduzido o erro em todos os seus monumentos, cujo exemplo imitou São Gregório Magno pelo fim do século VI, executando o mesmo com os templos da Inglaterra nos princípios da ditosa conversão dos ingleses; mas, quando já não havia que temer a idolatria, pareceu-lhe mais acertado purificar os templos antigos que arruiná-los para levantar outros novos. Com esta mesma consideração Bonifácio IV purificou e consagrou o famoso Panteão, conservado até seu tempo como ilustre monumento da vitória que a Igreja havia conseguido da cega gentilidade, dedicando-o à santíssima Virgem Maria e a todos os santos Mártires, para que daí em diante fossem honrados todos os verdadeiros Santos no mesmo templo onde haviam recebido sacrílegas adorações todos os deuses falsos; cuja famosa dedicação se solenizou no dia 12 de maio do ano 609; assegurando o cardeal Barônio haver lido num documento muito antigo que o referido papa Bonifácio havia trasladado ao Panteão vinte e oito carros carregados de ossos de santos mártires, tirando-os das catacumbas dos arredores de Roma. Contudo, não se deve dizer que a festa ou a dedicação daquele magnífico templo, chamado a princípio de Nossa Senhora dos Mártires e hoje Santa Maria da Rotunda, fosse em rigor a festa de Todos os Santos. A época desta festividade deve-se colocar no pontificado de Gregório III, que pelos anos 732 fez erigir uma capela na igreja de São Pedro em honra do Salvador, da santíssima Virgem, dos Apóstolos, dos Mártires, dos Confessores e de todos os justos que reinam com Cristo na celestial Jerusalém; festa que a princípio se celebrou só em Roma, mas muito em breve se estendeu a todo o mundo cristão e foi colocada entre as festividades de maior solenidade.

Tendo passado à França o papa Gregório IV no ano de 835, mandou que a festa de Todos os Santos se celebrasse solenemente na Igreja universal, por cuja ocasião o imperador Luís Pio expediu um edito e se fixou no primeiro dia de novembro, em que, unindo a Igreja como num só corpo todas aquelas almas bem-aventuradas, congrega, como se disse, todas as festas numa, honrando-os a todos com religioso culto numa só festividade. Como os gentios celebravam este mesmo dia uma festa em honra de todos os deuses, acompanhando-a de todo gênero de dissoluções, é muito provável que isto mesmo determinou a Igreja a fixar esta festa no mesmo dia, que antes era de jejum, o qual desde então se antecipou à vigília; pelo que esta festividade ocupa lugar entre as mais solenes, sendo ainda de preceito no reino da Inglaterra, mesmo depois que o cisma e a heresia desterraram quase todas as demais. O papa Sisto IV mandou que se celebrasse com

oitava, ficando desta maneira constituída entre as mais solenes de toda a Igreja universal.

É sem dúvida grande o número dos Santos cuja memória celebra cada dia; mas é muito maior o daqueles cujos nomes, virtudes e merecimentos se ocultam à sua notícia. Quantos Santos há de todas as idades, de todas as condições, de todos os estados, em todas as nações e em todos os povos! Quantas virtudes heroicas, cujo resplendor se sepulta no retiro da solidão! Quantos heróis cristãos enterrados nesses desertos! Quantos servos de Deus escondidos na obscuridade de uma vida pobre, humilde, mortificada, ignorados do mundo e unicamente conhecidos daquele Senhor a quem servem! Quantas grandes almas em empregos baixos, abatidos e vis! Quantas eminentes virtudes roubam à nossa notícia as paredes dos claustros! Quantos Santos se fabricam na oficina das adversidades e no exercício da mortificação e da penitência! Conheceu-os Deus, recompensou-os abundantemente e os fará gloriosos aos olhos dos homens no grande dia dos prêmios e dos castigos; mas era muito razoável que a Igreja rendesse honras na terra aos que Deus já glorificou no céu. Não há nenhum destes bem-aventurados que não se interesse por nossa salvação: solicitamos sua proteção, imploramos sua assistência, temos necessidade de suas orações, e eles merecem nosso culto. Este é o que hoje lhes tributamos.

Quando a Igreja, na festividade de Todos os Santos, nos apresenta todos estes privados do Altíssimo, não se contenta com propô-los à nossa veneração para o culto; pretende também fazê-los presentes à nossa imitação para o exemplo. Diz-nos a todos neste dia que aqueles cuja celestial sabedoria é objeto de nossa admiração, cuja virtude o é de nosso respeito, cuja glória o é de nosso gozo, cujos merecimentos celebramos, cujo triunfo aplaudimos e cuja ventura invejamos, são uns escolhidos de Deus que foram de nossa mesma idade, de nosso mesmo sexo, de nossa mesma condição, de nosso mesmo estado, de nosso mesmo emprego e de nosso mesmo nascimento. Entre aquela multidão inumerável de bem-aventurados tributamos hoje adorações ao pobre oficial, ao humilde lavrador, ao lacaio, ao ínfimo criado que, na obscuridade de sua classe, na mediocridade de sua fortuna e nos penosos exercícios de seu abatido ministério, souberam ser Santos, levando uma vida inocente, devota e verdadeiramente cristã. Honramos os príncipes e os reis que, na elevação do trono e entre o esplendor da corte, conservaram costumes irrepreensíveis e puros, cultivaram a santidade e não conheceram outra política nem outras regras para governar suas ações que as máximas do Evangelho. Veneramos aqueles homens abastados, aqueles ricos do mundo, mais prudentes, mais discretos que muitos outros; pois, não se deixando deslumbrar do falso ouropel das honras, nem efeminar seu coração com o lisonjeiro atrativo das riquezas, usaram de seus bens para resgatar seus pecados, souberam burlar os laços que o mundo lhes armava e, desprezando toda outra fortuna que a eterna, regularam seus costumes pelos princípios da fé e acertaram em ser Santos onde tantos outros se perdem. Adoramos, enfim, a nossos mesmos irmãos que, dentro do grêmio onde nós vivemos, seguindo nosso mesmo instituto e observando aquelas mesmas regras que nós temos, chegaram a uma eminente santidade; a nossos parentes, a nossos amigos e a nossos patrícios que, com as mesmas paixões, com as mesmas dificuldades, com os mesmos estorvos e com iguais auxílios, sem outros alguns meios, acertaram em salvar-se e chegaram ditosamente ao termo de sua carreira. Que desculpa podemos alegar para não aumentar algum dia o número daquelas almas felizes? E, se nos condenarmos, que justa, mas que cruel repreensão não nos farão por toda a eternidade aqueles espíritos bem-aventurados!

Não, por certo; os Santos não chegaram a ser tudo o que foram precisamente por se terem exercitado em obras ruidosas e singulares. Sem elas podiam ser Santos, e também podiam não o ser com elas. Quantos predestinados não fizeram na terra coisa particular que merecesse admiração! E quantos réprobos fizeram no mundo ações gloriosas que lhes mereceram os aplausos dos homens ao mesmo tempo que Deus os condenava! Os Santos foram Santos precisamente porque cumpriram as obrigações de seu estado; porque souberam compor os deveres deste com os de sua religião; porque em todas as matérias preferiram sua consciência aos interesses humanos, a lei de Deus a suas inclinações e as máximas do Evangelho às máximas do mundo. São Luís, Santo Eduardo, Santa Isabel no trono; Santo Isidro lavrador no campo, São Homobono em sua oficina e Santa Blandina em sua cozinha; tantos Santos como viveram conosco dentro de uma mesma comunidade, tantos Santos de uma mesma família, são argumentos convincentes de que para ninguém é impraticável a virtude e de que nesta não há coisa tão árdua que não leve consigo o meio para superá-la. Isto mesmo nos demonstra hoje palpavelmente a Igreja, pondo-nos à vista tantos milhões de Santos que efetivamente foram no mundo aquilo mesmo que nós pretendemos ser impossível. Quando nos faz presentes aqueles religiosos, aquelas ternas donzelas, aqueles homens do mundo, aqueles ricos e aqueles pobres que são matéria desta solenidade e objeto de nosso culto, diz-nos, como em outro tempo se dizia a si mesmo Santo Agostinho: *Et tu non poteris quod isti, et istæ?* Pois quê! Não poderás fazer tu o que fizeram estes e aquelas? Certamente nenhum pretexto podemos alegar que o exemplo dos Santos não destrua. Eles tiveram os mesmos cuidados que nós, padeceram as mesmas tentações, lidaram com as mesmas paixões, encontraram-se com os mesmos embaraços e não serviram a outro dono que ao que nós servimos; todos temos uma mesma lei, e eles não aspiraram a outra glória diferente. Muitos dos que nos precederam em nosso estado e em nosso emprego foram Santos; muitos dos que nos hão de suceder o serão também. Que desgraça, que dor será a nossa à hora da morte se não nos aproveitarmos de seus exemplos! Pregam-se hoje nos púlpitos os louvores de todos os Santos: chegará porventura algum dia em que também se preguem os nossos? Mas, se não chega este dia, qual será nossa desditosa sorte?

Ergo agite nunc, fratres (exclama o venerável Beda); *aggrediamur iter vitæ*. Ânimo, pois, irmãos meus; empreendamos com esforço e com alegria o caminho da vida: *revertamur ad civitatem cælestem, in qua scripti sumus, et cives decreti*. Pois o céu é nossa pátria e estamos recenseados nele como cidadãos seus, suspiremos por aquela celestial mansão e levemos com paciência as amarguras deste desterro. *Non sumus hospites, sed cives sanctorum et domestici Dei.* Na terra somos verdadeiramente hóspedes: consideremo-nos nela como forasteiros e como caminhantes, visto que na realidade os Santos são nossos compatriotas e algum dia havemos de ser seus concidadãos. Nunca nos esqueçamos de que somos estrangeiros e peregrinos por ora; mas virá tempo em que deixemos de sê-lo, passando a fixar residência na cidade dos Santos, a ser moradores da casa de Deus, seus herdeiros e co-herdeiros de Jesus Cristo, contanto que tenhamos parte em seus trabalhos, se queremos participar de sua glória: *Hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi, si tamen compatimur, ut et conglorificemur.* Como é possível que não se dirijam todos os nossos suspiros e todas as nossas ânsias para aquela ditosa cidade? *Quis non properaret et curreret, ut patriam nostram videre, ut parentes salutare possit?* Nela nos está esperando (diz São Cipriano) uma multidão de amigos e parentes nossos: *magnus illic nos charorum numerus exspectat.* Ponhamos os olhos naquela numerosa tropa de nossos irmãos, de nossos conhecidos e de nossos filhos que, já seguros de sua ditosa sorte e solícitos da nossa, sem cessar nos estão

convidando a participar da mesma coroa. *Fratrum, filiorum frequens nos et copiosa turba desiderat, jam de sua immortalitate secura, et adhuc de nostra salute sollicita.* Oh, que alegria será a sua e que alegria será a nossa ao vermo-nos todos numa mesma doce companhia! *Quanta et illis et nobis in commune lætitia est!* Ali reina o glorioso coro dos Apóstolos; ali a brilhante tropa dos Profetas; ali a multidão inumerável dos Mártires, distinguidos todos com as resplandecentes insígnias de suas ilustres vitórias. *Illic Apostolorum gloriosus chorus, illic Prophetarum exsultantium numerus, illic Martyrum innumerabilis populus, ob certaminis et passionis victoriam coronatus.* Ali se veem brilhar aquelas virgens sem número que triunfaram de todo o inferno junto; aquelas almas caritativas que socorreram os necessitados; todos aqueles heróis cristãos que tanto se distinguiram no contínuo exercício da mortificação, da austeridade e da penitência. Sejam, irmãos meus, todos os nossos suspiros (prossegue o mesmo Padre) pela mesma ditosa sorte; todos os nossos desejos, toda a nossa ambição e todo o nosso anelo por merecer a mesma recompensa. *Ad hos, fratres dilectissimi, avida cupiditate properemus, et cum his cito esse, ut cito ad Christum venire contingat, optemus.*

Grandes Apóstolos, gloriosos Mártires, invencíveis Confessores, santas Virgens, ilustres Anacoretas, caritativos protetores dos homens, a nós que lutamos ainda com as ondas no golfo e gememos no perigo, não nos bastam nem vossos conselhos nem vossos exemplos, e temos ainda necessidade de vossa poderosa intercessão. Bem conhecida tendes nossa fraqueza, não ignorais as forças de nossos inimigos; alcançai-nos do Senhor aqueles vigorosos auxílios que sabeis nos são tão necessários. Conseguí-nos a graça particular de que jamais percamos de vista o que vós fizestes por Deus e o que Deus está agora fazendo por vós, para que, ensinando-nos vossos exemplos como devemos viver, nos anime vossa glória a viver como devemos.

Hino

> *Placare, Christe, servulis, Quibus Patris clementiam Tuæ ad tribunal gratiæ Patrona Virgo postulat.*
>
> *Et vos beata, per novem Distincta gyros, agmina, Antiqua cum præsentibus, Futura damna pellite.*
>
> *Apostoli cum Vatibus, Apud severum Judicem, Veris reorum fletibus Exposcite indulgentiam.*
>
> *Vos purpurati Martyres, Vos candidati præmio Confessionis, exsules Vocate nos in patriam.*
>
> *Chorea casta Virginum, Et quos eremus incolas Transmisit astris, cœlitum Locate nos in sedibus.*

> *Auferte gentem perfidam Credentium de finibus, Ut unus omnes unicum Ovile nos pastor regat.*
>
> *Deo Patri sit gloria, Natoque Patris unico, Sancto simul Paraclito, In sempiterna sæcula. Amen.*

Mostrai-vos compassivo, e tende paciência com vossos servos, ó Cristo, pois vossa Mãe, nossa fiel Advogada, perdão ao Pai pede no tribunal de vossa clemência.

E vós, exércitos tão puros, em nove formosos Coros divididos, os males afugentai, compadecidos, passados, presentes e futuros.

Apóstolos, Profetas de verdades, ao Juiz reto, severo, justo e santo, para o réu que jaz em triste pranto, suplicai o perdão de suas maldades.

Mártires com o sangue rubricados, Confessores de Cristo esclarecidos com os prêmios por tais merecidos, à Pátria chamai os desterrados.

Coros castos de Virgens formosas, e os que dos rigores do desterro enviaram aos Astros moradores, sentai-nos em suas cadeiras gloriosas.

Desterrai a perfídia e o engano do termo e distrito do crente, para que assim um só Pastor somente a todos nos governe num rebanho.

Seja glória a Deus Pai onipotente, ao Filho singular dele gerado, e ao mais divino Amor, nosso Advogado, pelos séculos sem fim eternamente. Amém.

São Pedro do Barco, Confessor

São Pedro, cujo sobrenome de Barco tomou de um povoado assim chamado no bispado de Ávila, perto do qual se exercitou nas prodigiosas obras que recomendaram sua eminente virtude, nasceu na vila de Tormillas, da mesma diocese, de umas famílias humildes, mas ilustres por sua singular piedade. Criaram-no seus pais segundo o espírito da santa lei de Deus, ensinando-lhe com seus saudáveis conselhos e com seus exemplos que desempenhasse o caráter de cristão; e, impressas em seu terno coração as piedosas máximas de nossa santa fé, aborreceu desde a infância aquelas vãs solicitudes e aqueles perversos costumes que por via de regra adotam os jovens, dando no mais florido de sua idade exemplo de modéstia, de humildade e de piedade a todos os de sua pátria, e portando-se sempre com aquele candor e com aquela santa sinceridade que o Senhor inspira nas almas inocentes. Espalhou-se a fama da eminente virtude de Pedro por todos os povos da comarca; mas, ainda quando esta se achava aprovada pelos varões mais prudentes, nem por isso faltaram libertinos que, vendo sua total distração dos concursos do mundo e sua devota simplicidade, o tiveram por simples e por mentecapto, chegando sua temeridade a zombar

publicamente do cândido jovem.

Morreram os pais de Pedro e, como seus desejos não eram outros que separar-se dos perigos do século, para atender unicamente ao importante negócio de sua eterna salvação, retirou-se a uma selva perto do Barco, povoado do bispado de Ávila, onde construiu uma humilde casa com ânimo de dedicar-se todo a Deus, ocupando-se na oração e na contemplação das grandezas divinas e das verdades eternas. Viveu algum tempo com aquele teor de vida mais angélica que humana e, havendo-lhe ocorrido o pensamento de desmontar uma selva cheia de robustas árvores e de espessas moitas, pô-lo em execução, assim para evitar o ócio nas horas de descanso como para que o terreno fosse útil aos naturais daquele país. Logrou o fim desejado à custa de infatigáveis trabalhos; mas nem por isso deixou a prática de seus santos exercícios, e com especialidade a da contemplação, que era o forte de todas as suas atenções, desfrutando por sua íntima comunicação com Deus aqueles doces consolos que dispensa o Senhor às almas abrasadas nas chamas do amor divino.

Conservava Pedro no povoado de seu nascimento a casa que herdou de seus pais, a qual até hoje permanece, segundo refere a tradição dos antigos; e, querendo Deus conservá-la pelos méritos de seu fidelíssimo servo, acreditou-o com o seguinte prodígio: tinha cheia de linho uma peça da mesma casa o inquilino que a habitava e, tendo-lhe ateado fogo uma criada movida do ódio que professava a seu dono, ainda que o linho começou a arder com a maior atividade, não causou o mais leve dano naquela matéria tão fácil de combustão.

Seguia o servo de Deus alternando seus santos exercícios com o desmonte da selva e, abrasado como outro Paulo em vivíssimos desejos de dissolver-se dos vínculos carnais para unir-se com o soberano objeto que era o ímã atrativo de todas as suas atenções, pediu ao Senhor com fervorosas orações que lhe concedesse esta ventura; e, tendo sido ouvidas suas reverentes súplicas, revelou-lhe Deus que o tiraria do desterro desta vida mortal quando produzisse vinho a fonte cristalina que manava perto da casinha que tinha na selva, com a qual regava as arvorezinhas novas que plantou. Esperava Pedro o cumprimento do celestial aviso e, tendo enviado um criado que sempre teve em sua companhia a que lhe trouxesse água da fonte, notou ao tempo de bebê-la que era um generoso vinho. Conheceu o Santo a significação deste mistério; mas, querendo certificar-se mais, derramou a água do cântaro e voltou a enviar o criado à mesma fonte, seguindo-o para ver se com efeito colhia a água dela. Viu-o assim e, provando-a segunda vez, experimentou igual sabor de vinho que na primeira. Não lhe ficou dúvida então de que se aproximava a hora de sua morte, segundo o anúncio que teve na revelação e, retirando-se ao povoado do Barco para receber os últimos Sacramentos, morreu depois de três dias, a 1º de novembro, a fins do século XI, segundo o cômputo mais acertado.

Não tardou Deus em acreditar a glória de seu fidelíssimo servo com repetidos prodígios: tocaram-se por si mesmos os sinos anunciando ao povo o feliz trânsito daquela alma ditosíssima e, concorrendo todos os vizinhos do Barco à habitação onde estava o defunto, acharam o venerável cadáver rodeado de um resplendor celestial, logrando com seu contato saúde muitos enfermos. Voou a fama destas maravilhas à cidade de Ávila e, querendo apropriar-se do corpo do servo de Deus, os do Barco opuseram-se a que fossem despojados de tão precioso tesouro. Convieram todos, para pôr fim à contenda, em que se pusesse o cadáver sobre uma égua ou mula cega e que

fosse daqueles a quem o conduzisse. Executou-se assim, e o animal, dirigindo-se a Ávila, entrou na igreja de São Vicente mártir e, tocando com a mão numa pedra, deixou impressa nela a ferradura e rebentou imediatamente. Convencidos todos à vista deste prodígio de que era vontade de Deus que ali permanecesse, deram-lhe sepultura na mesma igreja, onde se manteve por alguns séculos no primeiro depósito, até que dele o trasladou D. Lourenço Otabuo a um altar decentíssimo que mandou fabricar à sua custa, com uma efígie do Santo, no qual hoje é venerado por todos os vizinhos de Ávila e dos povos da comarca; e se costuma, todos os sábados do ano, que os clérigos da igreja de São Vicente, depois das vésperas, concorram ao altar do Santo para cantar sua comemoração; e para seu culto concedeu o santo rei D. Fernando, no ano de 1252, as rendas de alguns povos; cujo privilégio confirmou Afonso IX e X, e também concedeu outros Fernando IV no de 1302.

Missa (oração)

A missa é em honra da santíssima Virgem e de todos os Santos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Omnipotens sempiterne Deus, qui nos omnium Sanctorum tuorum merita sub una tribuisti celebritate venerari: quæsumus, ut desideratam nobis tuæ propitiationis abundantiam, multiplicatis intercessoribus, largiaris. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Todo-poderoso e sempiterno Deus, que nos concedeis a graça de celebrarmos os merecimentos de todos os Santos numa só solenidade, suplicamo-vos que, em atenção a tanta multidão de intercessores como rogam por nós, derrameis com abundância em nossos corações os tesouros de vossa misericórdia. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 7 do Apocalipse.

Apocalipse 7,2-12

> **Latim:** 2 Et vidi alterum angelum ascendentem ab ortu solis, habentem signum Dei vivi : et clamavit voce magna quatuor angelis, quibus datum est nocere terræ et mari, 3 dicens : Nolite nocere terræ, et mari, neque arboribus, quoadusque signemus servos Dei nostri in frontibus eorum. 4 Et audivi numerum signatorum, centum quadraginta quatuor millia signati, ex omni tribu filiorum

> Israël. [5] Ex tribu Juda duodecim millia signati : ex tribu Ruben duodecim millia signati : ex tribu Gad duodecim millia signati : [6] ex tribu Aser duodecim millia signati : ex tribu Nephthali duodecim millia signati : ex tribu Manasse duodecim millia signati : [7] ex tribu Simeon duodecim millia signati : ex tribu Levi duodecim millia signati : ex tribu Issachar duodecim millia signati : [8] ex tribu Zabulon duodecim millia signati : ex tribu Joseph duodecim millia signati : ex tribu Benjamin duodecim millia signati. [9] Post hæc vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus, et tribubus, et populis, et linguis : stantes ante thronum, et in conspectu Agni, amicti stolis albis, et palmæ in manibus eorum : [10] et clamabant voce magna, dicentes : Salus Deo nostro, qui sedet super thronum, et Agno. [11] Et omnes angeli stabant in circuitu throni, et seniorum, et quatuor animalium : et ceciderunt in conspectu throni in facies suas, et adoraverunt Deum, [12] dicentes : Amen. Benedictio, et claritas, et sapientia, et gratiarum actio, honor, et virtus, et fortitudo Deo nostro in sæcula sæculorum. Amen.

Português: [2] E vi outro anjo que subia da parte do nascimento do sol, tendo o sinal do Deos vivo: e clamou em alta voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de fazer mal á terra, e ao mar, [3] dizendo: Não façais mal á terra, nem ao mar, nem ás arvores, até que assinalemos os servos do nosso Deos nas suas testas. [4] E ouvi o número dos que forão assinalados, que erão cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribus dos filhos d'Israel. [5] Da tribo de Judá, doze mil assinalados: Da tribo de Ruben, doze mil assinalados: Da tribo de Gad, doze mil assinalados. [6] Da tribo de Aser, doze mil assinalados: Da tribo de Neftali, doze mil assinalados: Da tribo de Manassés, doze mil assinalados. [7] Da tribo de Simeon, doze mil assinalados: Da tribo de Levi, doze mil assinalados: Da tribo de Issacar, doze mil assinalados. [8] Da tribo de Zabulón, doze mil assinalados: Da tribo de José, doze mil assinalados: Da tribo de Benjamim, doze mil assinalados. [9] Depois d'isto vi huma grande multidão, que ninguem podia contar, de todas as nações, e tribus, e povos, e linguas: que estavão em pé diante do throno, e á vista do Cordeiro, cobertos de vestiduras brancas, e com palmas nas suas mãos: [10] e clamavão em voz alta, dizendo: Salvação ao nosso Deos, que está assentado sobre o throno, e ao Cordeiro. [11] E todos os anjos estavão em pé ao derredor do throno, e dos anciãos, e dos quatro animaes: e se prostrárão ante o throno sobre os seus rostos, e adorárão a Deos, [12] dizendo, Amen. Benção, e claridade, e sabedoria, e acção de graças, honra, e virtude, e fortaleza, a nosso Deos por seculos de seculos, Amen.

Reflexões

Vi depois uma grande multidão, que ninguém podia numerar, composta de todas as nações, de todas as tribos, de todos os povos e de todas as línguas. Quanto nos deve consolar esta universalidade e esta multidão de Santos! Não há incentivo maior para animar nosso alento, para vigorizar nossa confiança, para merecer nossa fidelidade. Sem falar agora de mais de dezessete milhões de Mártires, aos quais pareceu que faziam pouco ou nada em derramar seu sangue e em

dar a vida por salvar suas almas, quem poderá contar o número sem número de Santos de todas as idades, de todos os sexos e de todo gênero de estados que viveram perpetuamente entregues à prática de todas as virtudes e aos penosos exercícios da mais rígida, da mais severa penitência? *Et tu non poteris quod isti et istæ?* Motivo justo para estimular nosso brio à vista daqueles heróis cristãos, e para dizermos a nós mesmos, cheios daquela confiança que a Graça inspira nos corações: por que não poderei eu fazer, para merecer o céu, o mesmo que fizeram aquelas pessoas tão ilustres por seu nascimento, tão distinguidas por sua dignidade, tão ocupadas pelas obrigações de seu ministério? Aquelas jovens pessoas de todos os sexos e de todas as condições na flor de sua idade, ou aquelas outras anciãs no mais avançado de sua venerável senectude? Acaso tiveram elas maior interesse em ser Santas que o que teremos nós? Porventura teremos nós menos razões do que tiveram eles para não nos perdermos? Muitos deles, correndo-lhes pelas veias o mais ilustre sangue, renunciaram generosamente todas as vantajosas esperanças de seu alto nascimento; cumulados de bens de fortuna, reduziram-se voluntariamente à mais extremada pobreza; e revestidos das mais altas dignidades do mundo, foram sepultar-se vivos numa profunda obscuridade. Quantas donzelas jovens e ternas, adornadas com todos os atrativos do sexo, antepuseram o claustro à enganosa liberdade do século e preferiram o véu às mais ricas coroas do universo? Era o céu todo o objeto de seus anseios, e consideravam precisas todas estas heroicas ações aquelas grandes almas, sendo toda a sua dor não poder oferecer a seu Deus maiores e mais generosos sacrifícios. Não foi neles esta resolução nem pusilanimidade, nem erro, nem falta de espírito. Queriam ser Santos a todo transe; e julgaram que deviam pensar e dizer com o Apóstolo que tudo quanto se pode fazer por Deus neste mundo, todas as incomodidades do tempo presente, todos os rigores da penitência, todas as adversidades da vida, não têm proporção com aquela glória que é a herança dos Santos no céu, e que algum dia será também a nossa, se quisermos ser Santos como o foram eles. Confessemos, pois, que os Santos obraram prudentemente em fazer o que fizeram; confessemos que, longe de lhes parecer que haviam feito demasiado, nenhum deles deixaria de desejar na hora da morte ter feito muito mais; confessemos, enfim, que só fizeram o que deviam fazer, e que, não fazendo nós o mesmo, nunca seremos Santos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,1-12

> **Latim:** [1] Videns autem Jesus turbas, ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus, [2] et aperiens os suum docebat eos dicens : [3] Beati pauperes spiritu : quoniam ipsorum est regnum cælorum. [4] Beati mites : quoniam ipsi possidebunt terram. [5] Beati qui lugent : quoniam ipsi consolabuntur. [6] Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam : quoniam ipsi saturabuntur. [7] Beati misericordes : quoniam ipsi misericordiam consequentur. [8] Beati mundo corde : quoniam ipsi Deum videbunt. [9] Beati pacifici : quoniam filii

> Dei vocabuntur. [10] Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam : quoniam ipsorum est regnum cælorum. [11] Beati estis cum maledixerint vobis, et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes, propter me : [12] gaudete, et exsultate, quoniam merces vestra copiosa est in cælis. Sic enim persecuti sunt prophetas, qui fuerunt ante vos.

Português: [1] EVENDO Jesus a grande multidão do povo, subiu a hum monte, e depois de se ter sentado, se chegárão para o pé d'elle os seus discípulos, [2] e elle abrindo a sua boca os ensinava, dizendo: [3] Bemaventurados os pobres de espírito: porque d'elles he o reino dos ceos. [4] Bemaventurados os mansos: porque elles possuirão a terra. [5] Bemaventurados os que chorão: porque elles serão consolados. [6] Bemaventurados os que tem fome, e sede de justiça: porque elles serão fartos. [7] Bemaventurados os misericordiosos: porque elles alcançarão misericordia. [8] Bemaventurados os limpos de coração: porque elles verão a Deos. [9] Bemaventurados os pacíficos: porque elles serão chamados filhos de Deos. [10] Bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça: porque d'elles he o reino dos ceos. [11] Bemaventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós mentindo, por meu respeito. [12] Folgai, e exultai, porque o vosso galardão he copioso nos ceos: pois assim tambem perseguirão aos profetas, que forão antes de vós.

Meditação

Da festa de Todos os Santos

Primeiro ponto

Considera que os Santos foram o que nós somos, e nós podemos ser o que eles foram. Não há nem pode haver sorte mais ditosa que a sua, pois tal pode ser a nossa. Por grandes que tenham sido seus desejos, estão abundantemente saciados e satisfeitos; gozam todos os bens que podiam desejar, pois possuem até o mesmo manancial de todos os bens. Sua bem-aventurança é perfeita, sua felicidade consumada; nada lhes resta já que possa ser objeto de seus desejos. São verdadeiramente bem-aventurados, sabem que o serão e estão bem seguros de que nunca deixarão de sê-lo. Onde há felicidade, onde há alegria mais plena, ventura mais perfeita? Bom Deus, que glória mais digna de nossa ambição! A coroa que eles mereceram é a mesma que se nos oferece a nós em prêmio de nossos trabalhos. Ao mesmo dono servimos: se aspiramos ao mesmo prêmio, imitemos seus exemplos. Os mesmos inimigos tiveram que nós, e nós temos a vantagem de saber como os venceram eles; as armas são as mesmas, os auxílios os próprios, e a carreira é a mesma. Eles a seguiram com honra; quem nos impede a nós de pôr os pés nas pegadas que nos deixaram estampadas? Não se achará um só homem que não diga que quer ser santo; mas, ai, Deus meu!, quando se considera a extrema desproporção que se encontra entre a conduta dos Santos e a nossa, é preciso dizer uma de duas: ou que eles fizeram demasiado, ou que nós não

fazemos o bastante para o ser. Se aqueles homens tão prudentes e tão iluminados erraram o caminho, seguindo uma rota tão diferente da nossa, a que fim havemos de marchar nós por uma vereda tão estreita, descobrindo-se-nos uma calçada mais espaçosa e não menos segura? Será possível que todos eles tenham ignorado a grande arte de fazer-se Santos a pouca custa? E, se a souberam, não é grande loucura declamar tanto contra os que dela se aproveitam? É certo que eles viveram com homens que seguiam um caminho semelhante em tudo ao nosso e que censuravam o seu; pois não foi uma famosa extravagância empenhar-se em gritar até a morte que não podia ser cristã uma vida mundana e regalada, e que a vida ociosa, irregular e tíbia leva à perdição? Os Santos não foram de outra Religião nem tiveram outro Evangelho que o nosso: não fez Deus preceitos particulares para eles, nem esperaram outra recompensa de suas boas obras. Instruídos nós na mesma escola e ensinados por um mesmo mestre, cremos o mesmo que eles creram, aprendemos a mesma doutrina que aprenderam e aspiramos à própria coroa a que aspiraram; mas é nossa vida semelhante à sua? Meu Deus! Uma diferença tão palpável, tão enorme de conduta e de costumes, prometer-nos-á igual ou semelhante destino?

Segundo ponto

Considera até onde chega nossa imprudência, ou, por melhor dizer, nossa loucura. Todos convimos em que os Santos obraram prudentemente em viver como viveram; e na verdade, como é possível fazer demasiado para evitar uma eterna desdita e para assegurar uma felicidade eterna? Logo, somos uns insensatos se nos persuadimos de que nos salvaremos sem fazer o que eles fizeram, e até fazendo todo o contrário. Eles quiseram ser Santos; bem: mas que queremos ser nós, e que podemos esperar ser, parecendo-nos tão pouco a eles? Dirás: é mister ser um homem santo para fazer o que fizeram os Santos. Argumentas mal; antes deves discorrer ao contrário: é mister fazer o que fizeram os Santos para ser Santo. Vamos de boa-fé: quando se nos oferece à consideração aquela vida regrada e exemplar, aquela vida pura e penitente, aquela vida devota e fervorosa que levaram os Santos no mesmo estado, e muitos deles na mesma idade em que nós nos achamos, não nos dá vontade de perguntar se os Santos foram de todas as idades e de todos os países? Qual foi sua pureza de costumes! Com quanto horror olharam o pecado! Quão distantes viveram do espírito do mundo, de suas máximas, de suas festas e de suas diversões! Vigilantes sempre contra tudo o que podia manchar a limpeza de seu coração; sempre atentos ao mais exato cumprimento de suas mais mínimas obrigações; ocupados sempre no importante negócio de sua eterna salvação; cada dia mais aplicados e mais fervorosos no exercício de uma oração quase contínua; rígidos e austeros até nas necessidades mais indispensáveis da vida; que guerra não fizeram perpetuamente a suas paixões e a seus sentidos! Que mortificação tão constante e tão universal! Deixarem-se ver eles nos espetáculos profanos! Sim, por certo; pareceu-lhes que se equivocavam com os gentios e que faziam um insigne agravo ao nome de cristãos! Mas com que reserva procediam em tudo o que podia alterar a caridade! Que devoção tão terna era a sua! Que consciência tão delicada! Todo o seu gosto era padecer trabalhos; ocupava-lhes todo o tempo o pensamento da eternidade, e não acertavam a compreender como o coração feito para Deus podia encontrar consolo nem descanso nas criaturas. Isto é em parte o que foram os Santos. Admiramo-nos do que fizeram; mas acaso podiam eles fazer menos para ser Santos? Mais nos devera admirar que o tivessem sido fazendo o que nós fazemos. E bem, que conceito formaríamos da santidade e de nossa Religião, se, lendo as histórias dos Santos e achando que sua vida havia sido tão

imperfeita, tão imortificada e tão sensual como a nossa, todavia os considerássemos dignos de nossa veneração e de nosso culto? Confessemos que nós mesmos somos um estranho paradoxo. Uma donzela mundana passa a vida em contínuas diversões, no jogo, nos passatempos, não encontrando gosto senão nas galas e na profanidade. Faz melindres dos pratos mais delicados; dispensa-se no jejum e até na abstinência; a comida de vigília não lhe assenta, causa-lhe horror, e está como submersa nas delícias da vida; enquanto outra irmã sua, mais jovem, mais inocente e mais delicada que ela, encerrada na solidão que escolheu e sepultada num claustro, passa os dias em contínuo jejum, macera sua terna carne com rígidas penitências e está dedicada ao exercício de uma perpétua mortificação. Contudo, ambas confiam em ir ao céu, ambas esperam a mesma felicidade; porque afinal não há meio entre a salvação e a condenação eterna.

Ó Senhor, que grandes, que importantes lições nos dá essa gloriosa multidão de todos os Santos! Que inescusável e quão pouco racional faz nossa vergonhosa covardia! Que sangrentas, mas que justas são todas as suas repreensões! Enquanto eu consulto, enquanto eu presto atenção a seus exemplos, prestai Vós benignamente vossos ouvidos às súplicas que eles vos farão por mim. Não podem deixar de compadecer-se ternamente de meus descaminhos e de minhas misérias, interessando-se tanto como se interessam em minha salvação. Resolvido estou a imitá-los e a segui-los mediante vossa divina graça, que vos peço, pondo-os a eles por meus intercessores. Suplicamo-vos, Senhor, que, em atenção a tanta multidão de intercessores como rogam por nós, derrameis com abundância em nossos corações os tesouros de vossa misericórdia: *quæsumus, ut desideratam nobis tuæ propitiationis abundantiam, multiplicatis intercessoribus, largiaris.*

Jaculatórias

Oh, Senhor, que consolos, que doçuras tendes reservadas para todos os que vos temem! (Sl 30.)

Esqueça-se de si mesma a minha mão direita, se eu me esquecer jamais de ti, ó Jerusalém celestial. (Sl 136.)

Propósitos

1. Não há idade, condição nem estado; não há reino, província, povo nem ainda família onde não tenha havido alguns Santos. Põe os olhos naqueles que o foram dentro de teu estado, e sirvam-te de modelos. Nesta misteriosa variedade de bem-aventurados resplandece a providência de nosso Deus, igualmente amável que adorável. Formou Santos de todas as espécies e de todas as condições, não só para que ninguém pudesse justamente imputar à sua profissão o relaxamento de sua vida, mas para que não houvesse sequer um a quem sua mesma profissão não apresentasse um vivo retrato da virtude e da santidade que lhe é própria; pois que desculpa poderás alegar para não ser Santo? Não te contentes com admirar, com aplaudir nem com honrar os Santos; resolve-te a imitar seus exemplos. Não deixes de ler ou de fazer que se leia diante de toda a família a vida do Santo que celebra a Igreja naquele dia; pois em todas acharás assunto

para a edificação e matéria para o exemplo. Com este espírito hás de ler em suas vidas, na inteligência de que o exemplo é o que faz mais impressão nos corações. Não pares a atenção no maravilhoso, mas no prático: isto foi o que a eles os fez Santos, e isto é o que mais contribui para que também o sejamos nós.

2. A todos os Santos hás de honrar hoje com maior devoção, mas particularmente e sobretudo àqueles que são menos conhecidos no mundo, singularmente aos de tua condição e tua família, sem perder de vista os amigos domésticos e conhecidos teus que têm a ventura de gozar de Deus no céu. Não se extingue nele a caridade, antes se aviva e se acende mais, pelo que deves encomendar-te mais particularmente à sua intercessão. Ainda que tu ignoras seu nome, não esqueceram eles o teu; e, se te amaram quando viviam na terra, é muito mais puro e mais benéfico o amor que te professam no céu. Quando viviam entre nós, interessavam-se com empenho em todas as tuas coisas; agora conhecem melhor tuas necessidades, têm valimento com Deus, estão solícitos de tua salvação; empenha-os, pois, mais, mediante tua veneração e teu culto, mediante tuas orações e tuas boas obras, para que intercedam por ti com o Pai das misericórdias. Sendo o dia de hoje um dos mais solenes do ano, santifica-o com todo gênero de exercícios de virtude.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:16 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:16 by Admin